

## **DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: CULTURA CORPORAL DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRA**

Hedgard Rodrigues da Silva (UFPB) – hdgsilva@yahoo.com.br

Sandra Christiane França Correia (UFPE) - jgsannanne@yahoo.com.br

Tereza Luiza de França (UFPE) – sansilsi@uol.com.br

**RESUMO:** O relato de experiência apresenta o processo de construção e desenvolvimento do minicurso “Diversidade Étnico-Racial: cultura corporal de matriz africana”, ministrado durante o “X Congresso Nacional de Educação Física, Saúde e Cultura Corporal (CNEF)”, realizado na Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife, estado de Pernambuco, Brasil, de 11 a 14 de abril de 2023. O objetivo do trabalho é socializar o processo de formação inicial e continuada, com intervenções na perspectiva de práxis social, sob o prisma teórico-metodológico crítico-reflexivo de reparação política, apresentando-se mediações da expressividade corporal de matriz afro-brasileira no contexto da formação da cultura corporal. A metodologia para a realização do minicurso foi constituída por estratégias participativas, em que as alterações do trato com o conhecimento, da forma de comunicação e linguagem e da relação de poder, refletiram a práxis resultante da ação e das reflexões cooperativas que elucidaram os atos frequentes e mútuos, desenvolvidos através de ciclos. Nas conclusões, aponta-se que a formação de um mundo em que haja respeito à diversidade passa por uma educação que combata o racismo e lute por cada corpo-vida negro com sua diversidade, resistência e expressividade.

**Palavras-chaves:** Diversidade Étnico-Racial. Cultura Corporal. Gestualidade Afro-brasileira.

### *Introdução*

O relato de experiência apresenta o processo de construção e desenvolvimento do minicurso “Diversidade Étnico-Racial: cultura corporal de matriz africana”, ministrado durante o “X Congresso Nacional de Educação Física, Saúde e Cultura Corporal (CNEF)”, realizado na Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife, estado de Pernambuco, Brasil, de 11 a 14 de abril de 2023. O minicurso aconteceu no dia 14, pela manhã, com duração de 3 horas, integrando atividade de formação da disciplina eletiva do curso de graduação em licenciatura na educação física da UFPE sobre a temática étnico-racial e o combate ao racismo, colocando em debate problemáticas à crítica da colonização e o convite para ampliação desta discussão. Desta forma, o objetivo do relato de experiência é socializar o processo de formação inicial e continuada, com intervenções na perspectiva de práxis social, sob o prisma teórico-metodológico crítico-reflexivo de reparação política, apresentando-se mediações da expressividade corporal de matriz afro-brasileira no contexto da formação da cultura corporal.

### *Fundamentação teórico-metodológica*

A ementa do minicurso procurou assegurar a práxis com foco na Cultura Corporal de Matriz Africana para desvelar expressividades da Diversidade Étnico-Racial com trocas de saberes e conhecimentos de África e do Brasil, buscando trabalhar algumas categorias como: diversidade, gênero, etnicidade, desigualdades, estudos afrodescendentes, cultura, poder, relações interétnicas e políticas antirracista.

Torna-se imperioso rever a história desses corpos que, na contemporaneidade, seguem sendo discriminados a partir de uma concepção que retrata o corpo negro como subalterno e inferior. Como sabemos, os negros brasileiros são descendentes de africanos trazidos para o Brasil por meio do tráfico negreiro. Hoje, reconhecemo-nos como afrodescendente ou afro-brasileiros (MATTOS, 2021, p.31).

O pensamento histórico-crítico e a abordagem crítico-superadora alimentaram as diretrizes deste *quefazer*, compreendido na “indissociabilidade teórico-prática de valorização de identidade cultural da população negra e/ou de raízes afro-brasileiras em unidade ação-reflexão-nova ação” (FRANÇA, 2023, p. 33), tendo nesta unidade entre teoria e prática a possibilidade de materialização do compromisso sócio-político-cultural. Torna-se evidente, neste processo, que todas as problematizações de situações ensino-aprendizagens, são sistematizadas a partir dos movimentos entre o educador e o educando com sentido e significado expreso pelas categorias freirianas – esperança, amorosidade, dialogicidade, ludicidade, liberdade –, refletidas no contexto de referências e construções da Educação Básica e do Ensino Superior.

Neste enredo, o objetivo geral do minicurso foi construir e vivenciar a práxis com expressividades da cultura corporal como linguagem de matriz afro-brasileira, construídas de forma participativa. Para tanto, a metodologia para a realização do minicurso foi constituída por estratégias participativas, em que as alterações do trato com o conhecimento, da forma de comunicação e linguagem e da relação de poder, refletiram a práxis resultante da ação e das reflexões cooperativas que elucidaram os atos frequentes e mútuos. Assim, a prática se expressa numa dialética teórica, a qual não se distancia do *quefazer*, impõe posturas de um buscar do saber, e não, tão somente, de quem de forma passiva a recebe.

Organizado em ciclos de ensino-aprendizagens, o minicurso teve o primeiro ciclo com foco na apreciação reflexiva sobre o tema da diversidade étnico-racial no contexto da cultura corporal, possibilitando aos participantes revisar a temática, propor alterações e abrir o

primeiro momento de reflexões coletivas para situar o processo histórico, a conjuntura e os desafios a serem superados coletivamente na luta contra o racismo, iniciando pelo reconhecimento de que este se faz presente na sociedade, como diz Ribeiro (2019, p. 21): “reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo”.

Ainda no primeiro ciclo, houve o momento chamado de *Acolhimento*: “*Quem somos?*”, em que foi apresentado onde se originou a proposta de realização do minicurso e seus proponentes, sendo este uma extensão da disciplina eletiva: *Educação Física Diversidade Étnico-Racial na Escola*, ofertada na graduação de licenciatura em Educação Física, atendendo estudantes da instituição e membros da comunidade em geral. A ausência da discussão sobre as concepções da educação étnico-racial no currículo de formação da educação física suscitou a criação da disciplina no primeiro semestre de 2022, com presença de 14 estudantes, entre matrículas regulares e ouvintes, tendo alcançado a participação de membros da comunidade através de divulgação realizada por meio de redes sociais, organizações não governamentais, terreiros e outras instituições de ensino superior. No segundo semestre a participação foi ampliada para um total de 30 estudantes e no primeiro semestre de 2023, a disciplina contou com a participação de 44 pessoas regularmente matriculadas e 25 ouvintes, somando um total de 69 estudantes (OLIVEIRA, 2023).

No segundo ciclo, realizou-se uma mesa de discussão com reflexões sobre unidade e diversidade com centralidade na categoria ser social, orientada na “*Valorização do ser Negro: mulher, trabalho e política*”, acompanhada de diálogos com o conhecimento científico e partilhas de experiências, levando-se em consideração a importância de situar o ser social negro no protagonismo da história, pois, “o apagamento da produção e dos saberes negros e anticoloniais contribui significativamente para a pobreza do debate público, seja na academia, na mídia ou em palanques políticos” (RIBEIRO, 2019, p. 64).

O minicurso colocou na pauta todo corpo-vida negra com suas diversidades, resistências e expressividades, de forma ainda tímida e/ou com determinação, pelas diversas tribos de corpo-vidas negras que com todas suas caracterizações da pele, dos cabelos, em plena vestimenta caracterizada pelas cores e seus colares com corpo-vida negra que com todo firme temperamento, por vezes aguerrido, de olhos brilhantes, de vida criativa e cuidadosa, com verdades da terra e por toda beleza que se encontra que se funde na cultura corporal como linguagem de matriz afro-brasileira ao desvelar expressividades da diversidade étnico-racial.

A trajetória histórica dos corpos negros a partir da escravidão revela como e quanto sofreram esses negros ao abandonarem suas comunidades, padecendo com a separação de seus familiares e sendo vendidos nos mercados para diferentes “senhores”. A história do povo negro é carregada de emoção e revolta. É preciso destacar, contudo, que os africanos e seus descendentes nunca se conformaram diante da condição de escravizados. Os negros em sua maioria, se rebelaram, lutaram e sofreram com castigos dos mais variados requintes de crueldade, resultantes das fugas e das desobediências (MATTOS, 2021, p.32).

No terceiro ciclo, os participantes, nutridos por reflexões coletivas, docentes e discentes, com suas diferenças que os identificam, como sujeitos históricos e não se reduzindo à condição de objeto, entre si, mas, sim, numa postura de que o coletivo ensina e aprende com trocas de saberes e conhecimentos em situações de vivências, enfatizando as gestualidades capoeiristas, ao imprimir pela cultura corporal a percepção das raízes africanas, observando-se na práxis o corpo em que “recaem as representações de um passado histórico e de um presente desigual” (MATTOS, 2021, p. 31). Portanto, no terceiro ciclo, adentra-se as vivências corporais, primeiro pela capoeira e seguido pela dança e sonoridade dos ritmos pernambucanos de matriz africana, revelando através do corpo em movimento as marcas, trajetórias, identidades e resistências.

Todos esses processos acumularam marcas profundas de discriminação para com o corpo negro, ao longo da história da sociedade brasileira, que internalizou certos preconceitos a partir da lógica eurocêntrica, em favor da dominação da elite branca, que passava a achar natural que o negro fosse considerado cultural e intelectualmente inferior; esteticamente feio e, socialmente, sujo e incivilizado (MATTOS, 2021, p. 38).

Construindo resistência e luta contra o racismo, o minicurso elevou o tom e o som para a espiritualidade e sensibilidade com os passos da dança afro-brasileira, tempo dialógico entre a musicalidade e a dança. Nesse ensinar e aprender, a sonoridade dos instrumentos, alfaias e caixa, marcam o ritmo afro-brasileiro do afoxé, do frevo, da ciranda e do maracatú de baque solto e de baque virado. Todo coletivo, nas orientações estratégicas do tocar, conseguem, de forma solidária, extrair o som destes ritmos no momento de criação.

### *A vivência da práxis na construção coletiva de conhecimentos*

Reunidos no auditório da Associação dos Docentes da UFPE (ADUFEPE), os participantes do minicurso *Diversidade étnico-racial cultura corporal de matriz*

*afro-brasileira* deram início ao trabalho coletivo de aprendizagem pela manhã. Inicialmente a Professora Doutora Tereza França, proponente o minicurso e também da disciplina eletiva *Educação Física, educação étnico-racial na escola*, fez a fala de apresentação dos objetivos e acolhimento inicial. Destaca que nossa sociedade sob as rédeas do racismo estrutural, impõe ao coletivo docentes, discente e gestor político-educacional construir estratégias de superação possíveis de romper com as diversas facetas do racismo. Para esta professora ao caminhar construímos caminhos rumo a educação antirracista que materialize um sociedade justa e digna. Segunda a mesma:

A educação antirracista é responsabilidade e compromisso político-educacional de toda sociedade que expressa-se por e com diferentes linguagens como a capoeiragem, a aventura criadora, a religiosidade, o dançante em deslocamento no tempo e espaço, os sons de instrumentos, das mãos, dos pés, da voz de todos os corpos. O desenho espacial do corpo comunicando-se e se fazendo comunicar com sinais, sintomas, dados, realidades concretas, objetivas com subjetividades, refletem a relevância desse processo de descolonização do pensar/agir respaldado na investigação-ação a ser vivido ao longo do coletivo sócio-cultural submetido à crítica para implantação junto desta mesma sociedade. Esses sentidos e significados expressam a capacidade, motivação e possibilidades dos participantes em construir conhecimento e viver a expressão corporal com práticas antirracistas (FRANÇA, 2023, P. 13).

Em seguida, abrindo o momento de debate sobre a temática, passa a fala para os convidados, propondo o momento de debate e questionamentos para depois das falas.

**Imagem 1: Professora Doutora Tereza França fazendo a fala de abertura do minicurso.**



Fonte: Os autores (2023)

Inicialmente a funcionária da UFPE, Rizailde Trindade Laurentino, fez uma fala relatando sua trajetória de vida como mulher negra que alcançou êxito em sua caminhada profissional com muito esforço e luta, refletido o caminho percorrido por muitas mulheres negras para ocupar os espaços que queiram, tendo que vencer preconceitos, barreiras do patriarcado, do racismo e de tantos desafios sociais. Revelar a história de vida desta mulher negra, batalhadora e vencedora foi problematizar com os participantes as desigualdades no percurso meritocrático e a resiliência das mulheres negras para ocuparem seus espaços.

A segunda fala foi do Professor Doutor Hedgard Silva, apresentando problemáticas do trabalho docente na Educação Física no contexto da Educação Básica para abordar questões étnico-raciais e combater preconceitos e o racismo na sala de aula.

Revelou conteúdos específicos para trabalhar a temática, como o frevo no início do ano letivo, o maracatu, o afoxé, no período junino o côco de roda, indicou o filme “xadrez das cores” no momento em que estudar com os alunos sobre jogos e reflexões que foram no sentido de problematizar e indicar caminhos possíveis para combater o racismo na escola.

Combater o racismo na escola passa também pelo corpo e é no corpo negro que recaem as práticas históricas das desigualdades, da desqualificação, da violência simbólica que levam os estudantes a uma baixa autoestima, à evasão escolar, a possíveis identificações com padrões de beleza que não os representam. Assim, como as demais disciplinas, a Educação Física deve buscar, na educação pluricultural, valorizar outras culturas, potencializando a cultura negra (MATTOS, 2021, p. 66-67).

Após as falas, os participantes fizeram uso da palavra, agradecendo as falas e fazendo colaborações no sentido de que é de grande relevância a discussão, o respeito e o aprendizado sobre a diversidade étnico-racial e o quanto ainda temos a avançar. Pontuou-se o alcance legal nas leis nº 10.639/2003, posteriormente modificada na lei nº 11.645/2008, a lei de cotas nº 12.711/2012 e a política de fiscalização através da comissão de heteroidentificação. Salientou-se a necessidade da luta coletiva e organizada para combater o racismo na sociedade e legitimar espaços de expressão da cultura de matriz-africana.

Concluída as atividades na parte interna do auditório, o minicurso continuou na parte externa, agora com a vivência de duas oficinas, a primeira ligada a capoeira e a segunda a musicalidade e dança de ritmos carregados da ancestralidade africana.

Na oficina de capoeira, ministrada pela Profa. Nathália Duarte com seu grupo de capoeira, os mestres apresentaram a história e o contexto de resistência do povo negro para

jogar a capoeira, considerada desde 2008 como patrimônio cultural imaterial brasileiro e desde 2014 como patrimônio cultural da humanidade.

**Imagem 2: Mestres da capoeira.**



Fonte: Os autores (2023).

Na oficina de capoeira foi possível aprender e experimentar alguns golpes, assim como a ginga e a relação com o outro que participa da roda, que troca, que faz o jogo acontecer na troca de movimentos, de olhares e de combate que hora se faz dança e hora se faz luta. Aprender a capoeira não é exclusividade de alguns, pois ela agrega e acolhe quem quiser estar na roda e este aprendizado foi repassado na oficina, através de exemplos e relatos de experiência docente de como a prática foi transformadora.

**Imagem 3: Participantes da oficina de capoeira.**



Fonte: Os autores (2023).

A outra parte vivenciada no minicurso foi a musicalidade, ministrada pelo Bacharel Arte Educador Paulo Sérgio Renné Gomes Silva, desenvolvida com o corpo, baquetas, alfaias e caixa, permitindo aos participantes experimentarem a aprendizagem de ritmos pernambucanos de matriz-africana num único momento, realizado de forma lúdica e coletiva em que através da observação, da troca e da colaboração do outro, fez-se ritmos que inspiraram a dança e a manifestação do corpo que se comunica e se expressa para o mundo, colocando os tons do povo negro, suas lutas, sua cultura, tão presente na construção da identidade brasileira.

**Imagem 4: Oficina de ritmos afro-brasileiros.**



Fonte: Os autores (2023).

A expressividade facial do coletivo de participantes descreveu uma atmosfera de prazer, de alegria, de ludicidade daquele *quefazer* cultural. Neste clima afro-brasileiro, a avaliação coletiva e autoavaliação constituíram a elaboração de síntese do processo ensino-aprendizagem, (com) partilha de sentimentos e sugestões críticas que contribuíram para potencializar outros encontros formativos docentes.

Na leitura das estratégias pedagógicas é possível (re)afirmar que as potencialidades e a intencionalidade político-cultural, com norte na temática educação étnico-racial, escolhida e definida pelo coletivo, aprofunda e fomenta debates críticos e relevantes tomando como ponto central o trabalho docente. Trabalho, como expressão e referência de estudos considerados numa perspectiva crítico-inovadora e significativa por criar situações e apontar indícios para a formação docente que garantem ações descritivas/reflexivas norteadas pela proporsição crítico-superadora com base nos princípios alterar a relação de poder, a forma de comunicação e linguagem e o trato do conhecimento e pela abordagem etnometodológica com base nos conceitos-chave etnometodológicos como, por exemplo, a indicialidade - com olhares e

escutas centradas nas determinações articuladas por palavras ou situações; a prática realização - compreende olhares e escutas na práxis - ação-reflexão-nova ação que iluminam-se constante e mutuamente; na reflexividade - olhares e escutas com e para a prática docente crítica, dinâmica, dialética entre fazer e pensar o *quefazer*, pensando criticamente a prática de ontem, de hoje e/ou de amanhã necessária à reflexão crítica.

Etnometodologia centra-se na expressividade cotidiana como espaço de transformações e implicações sociais, em que são concedidas às atividades corriqueiras da vida cotidiana a mesma atenção que habitualmente se presta aos acontecimentos extraordinários, tentando compreendê-los como fenômenos de direito pleno. É nessa direção a etnometodológica aponta conceitos-chave aflorando possibilidades de adentrar a práxis e desvelar de que forma os brincantes sociais vão dando sentido e significado aos objetos, pessoas e símbolos com os quais constroem seu mundo social (COULON, 1975, p. 33).

Crítico-superadora evidencia o sentido e o significado dos valores que inculca e as normas que o regulamentam dentro de nosso contexto sócio-histórico. Esta forma de organizar o conhecimento não desconsidera a necessidade do domínio dos elementos técnicos e táticos, todavia não os coloca como exclusivos e únicos conteúdos da aprendizagem... Nessa perspectiva da reflexão da cultura corporal, a expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos na escola. A sua ausência impede que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade (coletivo de autores, 1992, p.29).

Assim, entendemos que este minicurso se configura como um ambiente dinâmico de trocas e construções de saberes e conhecimentos, no qual são estimuladas falas, expressividades, gestualidades e/ou diferentes formas discursivas.

## *Conclusões*

A formação de um mundo em que haja respeito à diversidade passa por uma educação que combata o racismo e lute por cada corpo-vida negro com sua diversidade, resistência e expressividade, ainda de forma tímida e/ou com determinação, pelas diversas tribos de corpos-vida negros que, com todas as suas características de pele, cabelo, vestimenta completa caracterizada por suas cores e seus colares de corpos-vida negros, com todo o seu temperamento firme, às vezes aguerrido, de olhos claros, criativo e solidário, com as verdades da terra e todas as suas características de vida, em trajes completos caracterizados por suas cores e seus colares de corpo-vida negro que com todo o seu temperamento firme, às vezes aguerrido, de olhos claros, criativo e carinhoso, com as verdades da terra e toda a beleza

encontrada que se funde na cultura corporal como linguagem de matriz afro-brasileira nas expressões da diversidade étnico-racial.

## Referências

- BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOTELHO, Denise M.; FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Educação e religiosidade afro-brasileiras: a experiência dos candomblés**. In: LOPES, Maria Aparecida de Oliveira; SILVA FILHO, Geraldo (Org.). *Fragmentos de diásporas africanas no Brasil: sociedade, escravidão, cultura e religiosidades*. São José: Premier, 2011, p. 89-107.
- BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Èkó láti Sayé: Educação e Resistência nos Candomblés**. In: *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. Volume 17, Número 48, 2 02 0 Ppge/Unesa. Rio de Janeiro, 2020.
- BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 15 ago. 2023.
- COULON, Alain. **Etnometodologia e Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ESTÊS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias - ser jovem enquanto velhas, velha enquanto jovem**. Tradução de Waldéia Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco 2007.
- FRANÇA, Tereza Luiza de França. **Carnaval com pernambucanidade**. In: GAIA, Roberta e TEREZANI, Denis. (orgs.). **Carnaval... carnavais: múltiplos olhares sobre o fenômeno**. 1ª. Ed. Curitiba-PR, Editora Bagai, 2022.
- FRANÇA, Tereza Luiza de. **A práxis docente no ensino superior: quefazer amoroso autônomo e libertador**. In: TORRES, Maria Erivalda dos Santos. **Conhecendo os escritos de Paulo Freire** [ livro eletrônico] Educação como prática da liberdade . Vol. 1 Recife, PE: Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2023.
- FRANÇA, Tereza Luiza de. **Lazer – Corporeidade – Educação: o saber da experiência cultural em prelúdio**. Natal-RN. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.
- FRANÇA, Tereza Luiza de França. **Educação étnico racial na formação docente: proposições crítico-reflexivas na escola**. [ texto eletrônico] Recife, PE: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas no Universo do Lazer, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao\\_acao/relacoes\\_etnico\\_raciais\\_educacao\\_descolonizacao\\_curruculos.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/relacoes_etnico_raciais_educacao_descolonizacao_curruculos.pdf)> Acesso em: 05.Set.2023
- LIMA, Denise Maria Soares. **Corpos negros, linguagens brancas: o mito da boa aparência**. 1ª. ed. Curitiba: Appris, 2020.
- MATTOS, Ivanilde (Ivy) Guedes. **Estética afirmativa: corpo negro e Educação Física**. 2. ed. Curitiba: Appris, 2021.
- OLIVEIRA, Mayara. **Educação e relação étnico-racial: o quefazer na formação docente da educação física na Universidade Federal de Pernambuco**. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física – UFPE, Recife: 2023.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- SANTIAGO, Eliete; SILVA, Delma; SILVA, Claudilene. **Educação, escolaridade e identidade negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/UFPE**. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2010.
- SANTIAGO, Eliete; SILVA, Delma; SILVA, Claudilene. **Educação, escolaridade e identidade negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/UFPE**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro: uma história da formação do país**. 1ª. ed. – São Paulo: Todavia, 2022
- SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992